



# A música de rap como instrumento para disseminar informação na periferia: informação que gera cidadania

Rap music as an instrument to disseminate information in the periphery:  
information that generates citizenship

Taynar Lima dos Santos, Universidade Federal de Sergipe - tainarlima88@gmail.com  
Telma de Carvalho, Universidade Federal de Sergipe - carvalhotel@gmail.com

## Eixo 1 - Não deixar ninguém para trás

### 1 INTRODUÇÃO

A partir dos anos de 1980, chegou ao Brasil o movimento Hip Hop, vindo dos Estados Unidos trazendo raízes e influência africana. Conhecido por ser um movimento de contestação, de luta por igualdade e de resistência principalmente dos jovens periféricos, o movimento Hip Hop tem quatro elementos essenciais sendo eles: o *grafite*, o DJ, o *break* e o rap, sendo este último o principal veículo para disseminar as ideias do movimento e informação para os seus ouvintes. Com o passar dos anos, o conhecimento é inserido no movimento Hip Hop como um quinto elemento, resultado da atuação dos outros quatro elementos na sociedade. Esse conhecimento resulta da importância que o movimento Hip Hop enxerga na necessidade de transmissão de informação para o seu público.

Para a Ciência da Informação, garantir o acesso à informação tem sido tão importante quanto a própria informação. As informações surgiram em grandes quantidades e passaram a ser disseminadas em vários suportes. Apesar da sua explosão, não se pode dizer que todos têm acesso à informação. Apesar da facilidade com que a informação circula hoje, ainda há parcelas da população que são privadas desse acesso.

Vivemos na sociedade da informação e do conhecimento, onde conhecimento é poder e ter acesso à informação está (diretamente) relacionado ao lugar que a



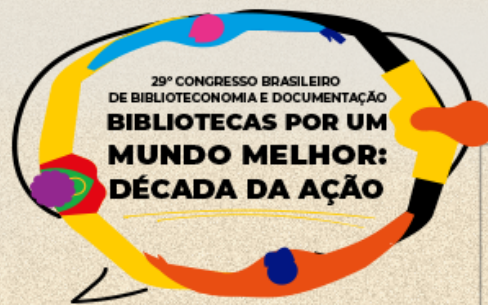
pessoa ocupa na sociedade, aos seus recursos intelectuais e aos seus recursos financeiros. Dentro dessa sociedade informacional e desigual, torna-se fundamental ter um lugar que permita o acesso à informação de forma igualitária sendo capaz de tornar todas as pessoas cidadãos e podendo assim exercer a sua cidadania.

Pensar em como a informação circula em locais periféricos faz com que a visão sobre o rap ultrapasse a análise de uma música para analisar um agente potente que não só dissemina informação como pode se tornar a voz dos jovens na periferia. A partir disso, o seguinte questionamento foi levantado: Qual a contribuição da música de rap para disseminação da informação na periferia?

Dessa forma, este trabalho tem por objetivo geral apontar o rap como um agente capaz de disseminar informação na periferia, uma vez que a informação circula na música de rap assim como o rap circula na periferia. Buscou-se também, como objetivo específico: analisar a atuação do bibliotecário em espaços mais periféricos, com o lado social da Biblioteconomia.

A partir da problemática citada e pelo fato de vivermos em uma sociedade da informação em que ainda é negado o direito ao acesso à informação para as camadas mais pobres da sociedade surgiu a vontade de trabalhar com o tema, pois fica claro que o não acesso à informação retroalimenta a exclusão social. A área biblioteconômica tem voltado o seu olhar para o acesso democrático à informação, com isso, fica evidente que trabalhar em função dessa democratização é uma forma de também combater a exclusão social.

A atuação do bibliotecário na sociedade tem se ampliado conforme o passar do tempo, pois, antes, havia a ideia de que ele era um agente neutro na sociedade, hoje, contudo, a recomendação é que ele assuma o seu papel político a favor de ações de estímulo à leitura e de ações culturais para a comunidade onde atua. Ter uma sociedade não capacitada informacionalmente, muitas vezes não parece um problema, de fato, para o governo e, na contramão disso, o trabalho do bibliotecário pode tornar as pessoas competentes em informação, estimulando-as a pensar por si próprias e conhecer os seus direitos nessa sociedade, por vezes tão desigual. Desta forma, justifica-se a escolha desse tema para reafirmar a importância de os



bibliotecários ocuparem lugares periféricos e levarem informação, lazer, conhecimento e cidadania à comunidade e, no caso específico desta proposta, utilizar um canal de comunicação já consolidado na periferia, a música de rap.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O rap é um dos elementos que compõe o movimento Hip Hop e é junto com o DJ a parte mais ritmada do movimento, sendo ele, de acordo com Silva Júnior, Mendes e Alves (2018) uma abreviação da expressão em inglês *'rithmandpoetry'* que significa 'ritmo e poesia'. O ritmo seria, então, a parte rítmica da música que é uma mistura de vários estilos, e a poesia seria a parte cantada, a música discursiva em si. O fato do cantor parecer, muitas vezes, falar durante a música, se deve ao fato de que, na cultura africana, a informação é repassada de maneira oral. Repassar a informação é uma preocupação dentro do movimento Hip Hop que abrange o rap; eles enxergam a música como um veículo de comunicação capaz de chegar ao maior número de pessoas possíveis democratizando, assim, não só o acesso à informação, mas também a arte.

É preciso pensar que durante a produção de uma música, o *rapper* precisa saber sobre o que está falando. Loureiro (2019, p. 21) diz que "A composição de uma música de rap também seria operação potencialmente produtora do conhecimento, uma vez que exige da parte do artista reflexão sobre as estruturas históricas e sociais do mundo em que vive". Dentro desse contexto, o *rapper* atuaria como um disseminador de informação, como alguém que partilha o que aprendeu porque está ciente que na periferia nem todos tiveram as mesmas oportunidades de acesso à informação que ele.

Para que o artista produza a sua arte, ele precisa ter conhecimento sobre o que e para quem a está criando. Esse conhecimento se dá através de informação, a sua obra final é então uma transmissão de tudo que ele aprendeu. Quando o *rapper* assume essa característica de contar o que acontece dentro das periferias, ele se torna algo como um cronista da periferia.



Sendo assim, o artista é um mediador, um contador de histórias, é o canal entre a informação e o seu público. Silva e Motta (2020, p. 26) falam sobre o processo criativo de uma música de rap “[...] para conceber um processo de composição, os músicos frequentemente buscam referências em fontes diversas como livros, artigos de jornais e revistas, fatos políticos atuais, os quais são somados e articulados com lembranças e acontecimentos pessoais”. Para que as músicas tenham relevância social é preciso que o *rapper* seja alguém que esteja bem informado e que saiba onde deve buscar essas informações e esse letramento informacional se torna parte importante na vida de um compositor de rap. Eble (2013, p. 57) comenta sobre a importância do trabalho desenvolvido pelos *rappers* “[...] sua arte, assim, constitui-se em um meio de resistência face a uma ordem que oprime e acossa, importando não apenas como denúncia, mas também como instrumento de esclarecimento e empoderamento”. A informação quando disseminada mais que informa, ela empodera. Através dessa disseminação de informação se dá o conhecimento.

A informação sozinha não é sinônimo de conhecimento. Então é preciso pensá-la como um agente catalisador capaz de impulsionar a transformação social. Hardt e Negri (2009, p.17) apontam muito bem sobre isso quando dizem que o conhecimento é importante “[...] não basta ousar saber, é preciso saber como ousar e saber como ousar é agir com base no conhecimento que se adquiriu, é a audácia e a coragem de pensar, falar e agir autonomamente. O ato de conhecer tem o poder de transformar”. A música de rap, nesse contexto, é uma audácia porque informa os menos privilegiados, dá voz e os estimula a pensarem de forma autônoma.

O Hip Hop permite não apenas que a informação seja passada através do rap, mas também o diálogo entre quem está cantando e quem está ouvindo, Andrade (1999, p. 91) traz a ação pedagógica realizada pelo movimento Hip Hop como uma forma de educação alternativa, sendo essa educação alternativa algo possível de ser alcançada através das posses realizadas pelo movimento.

[...] a ação pedagógica do grupo é também considerada uma ação cultural, em que rappers se tornam sujeitos da História. Na ação pedagógica, o grupo fortalece sua identidade étnica e geracional como condição única para superação do mundo da exclusão e, mais ainda, do mundo da violência simbólica. Reafirmam, como jovens, sua capacidade de



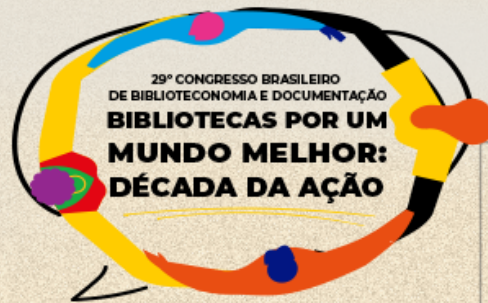
apresentar ideias, compartilhar opiniões e sugerir mudanças sociais. Promovem, como negros, o cultivo à auto-estima e à luta pelo direito à cidadania. Nesse ínterim, verifica-se que a educação alternativa, desenvolvida no interior do grupo, é a responsável da posse.

Para Paletta e Paletta (1999, p. 12) ser cidadão é ser um “sujeito social consciente e politicamente organizado, capaz de conceber e realizar projeto próprio de confronto social com os privilegiados do sistema”. Atuando como um meio de dar voz a essa classe menos privilegiada e por vezes esquecida, o rap tem o seu papel político fortalecido dentro da periferia. Ainda segundo Paletta e Paletta (1999), para ser efetivamente um cidadão e exercer a sua cidadania, a pessoa precisa ser capaz de questionar o seu lugar na sociedade, assim como a própria sociedade e, para tal, estar dotado de informação.

A área biblioteconômica vem passando por mudanças quanto a sua atuação na sociedade, hoje é pedido que a área, na totalidade, volte o seu olhar para a parte mais social da profissão, como explicitado por Bufrem (1985, p. 113) “desde meados do século passado, a Biblioteconomia vem adquirindo características diferentes, incluindo atividades que envolvem uma participação mais ativa no processo de desenvolvimento social”. Ao atuar de forma mais social, o bibliotecário passa também a exercer o seu papel político na sociedade. Papel esse que é reivindicado, desde os anos de 1960, pela ALA (Associação Americana de Bibliotecários) quando passou a demonstrar interesses por assuntos que estavam além da parte tecnicista da profissão, exercitando, assim, seu papel político.

O bibliotecário está, muitas vezes, atuando em locais onde a sua presença já é comum. Lugares periféricos onde ele atuaria como um agente cultural, como um mediador, atendendo pessoas que carecem de leitura e de informação, ainda não é um lugar ocupado por ele, de fato. Pensar a desigualdade social é pensar muito além da questão econômica; a desigualdade social está diretamente ligada à exclusão, em âmbitos que vão desde a cultura à educação.

O bibliotecário além de ocupar esse lugar na sociedade, poderia trabalhar em conjunto com os movimentos de Hip Hop, levando as oficinas de rap para dentro da biblioteca inserindo, assim, a biblioteca ao cotidiano dessas pessoas. Ele também



poderia usar de um suporte diferente (a música) para atrair usuários para a sua unidade de informação. Oliveira, Alves e Maia (2013, p. 1) explanam sobre a forma que uma biblioteca deve prestar serviço

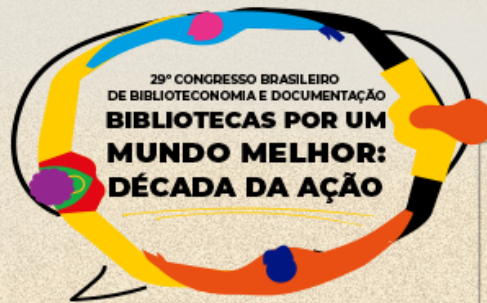
E ao falar em prestação de serviços numa biblioteca, implica efetivamente em prestar um serviço informacional a alguém, sem restrição de cor, raça, status social, possíveis limitações, entre outros, pois a informação é um direito de qualquer cidadão que dela procura e/ou necessita.

A informação que o usuário busca nem sempre estará disponível em um livro ou em uma base de dados; é preciso pensar que muitas pessoas que necessitam do acesso à informação muitas vezes não são nem mesmo alfabetizadas. O bibliotecário precisa também saber lidar com essa camada da sociedade. Gonçalves, Gracioso e Silva (2018, p. 219) mencionam como seria trabalhar diretamente com essa parte da sociedade

Trabalhar e pesquisar nestes ambientes socialmente sensíveis é ao mesmo tempo um processo de construção coletiva do conhecimento, é uma troca de saberes, é a articulação da teoria e prática, é o cuidado em falar e transmitir um conhecimento sem pretensão de ser maior que seu usuário, é a valorização das experiências acumuladas, e criar o vínculo de confiança entre o profissional e o usuário, é criar esse elo, onde sua informação, seu conhecimento vai garantir à ele a informação confiável, é a leitura do mundo que cada um carrega dentro de si como Paulo Freire cita, é essa leitura de cada um que tem que ser respeitada e compartilhada para garantir à essas pessoas a construção de sua autonomia.

É preciso que se tenha uma troca entre bibliotecário e comunidade, é necessário que o bibliotecário converse com a sua comunidade, que a escute. Não há quem conheça as lacunas da periferia tão bem quanto o próprio morador da periferia. Essa troca entre a comunidade e o bibliotecário pode ser importante para a atuação da biblioteca.

Voltando, então, ao foco deste trabalho, dentro dessa periferia, em que circula livremente a música de rap, circula também informação como uma forma de construção coletiva da comunidade. Com a música é possível interpretar, fazer análises e refletir o que está sendo cantado, e a maneira como foi dita. O Manifesto IFLA/Unesco (1994) já trazia a ideia de que a biblioteca deve utilizar suportes variados



para atender às necessidades informacionais de seus usuários e, neste caso, a música, como produto artístico, informativo e cultural tem requisitos para estar presente em uma biblioteca.

O bibliotecário é um profissional de caráter social e político, assim, ocupar esses lugares em que sua presença se mostra fundamental deve ser uma das suas preocupações, visando sempre o progresso da sua comunidade.

### 3 MÉTODO DA PESQUISA

A principal fonte de pesquisa concentrou-se na pesquisa bibliográfica que resultou na localização de livros, artigos e teses sobre o tema, sendo buscados tanto o assunto rap quanto o assunto Hip Hop por entender que um não pode ser dissociado do outro.

O estudo tem caráter exploratório e abordagem qualitativa. De acordo com Richardson (2009, p.79), a abordagem qualitativa seria “[...] além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social”. A pesquisa se enquadra como exploratória em virtude da busca para compreender melhor o objeto estudado. De acordo com Gil (2002, p. 42)

tem por objetivo a validação de instrumentos e visa proporcionar familiaridade com o campo de estudo, constituindo-se, assim, na primeira etapa de um estudo mais amplo, sendo muito utilizada em pesquisas cujo tema foi pouco explorado, podendo ser aplicada em estudos iniciais para se obter uma visão geral acerca de determinado assunto. Essa etapa da ação tem como principal objetivo esclarecer o tema estudado.

Para a recuperação dos materiais utilizados nesta pesquisa foram utilizadas bases de dados da área da Ciência da Informação, a exemplo da BRAPCI, OASIS, BDTD, além de trabalhos de cursos como Comunicação, Jornalismo e Música, recuperados no Google Acadêmico. Considerou-se importante a contribuição dessas áreas, uma vez que há nelas, também, o entendimento do rap como algo cultural e capaz de conduzir informação.



## 4 RESULTADOS

O movimento Hip Hop transmuta o ensino-aprendizagem tradicional, pois é sabido que há diversas formas de adquirir conhecimento. A maneira utilizada pelo movimento se dá através da disseminação de informação, informação essa que é repassada através da fala.

O caráter identitário do movimento Hip Hop é capaz de fazer com que os jovens se engajem e mais do que participar como ouvintes, eles querem fazer parte, e passam também a produzir. É através desse encontro, encontro esse conhecido dentro do movimento Hip Hop como *posses*, que possibilita a disseminação de informação através da troca de ideias, e da discussão possibilitada pelo encontro.

Essas *posses* funcionam como uma mediação entre o *rapper*, a informação que ele quer passar e o seu público. No final, o que se objetiva é que o público não só entenda o que foi dito como possa debater sobre o que foi dito seja ali mesmo no próprio encontro ou em suas casas.

Quando o Hip Hop se uniu em prol do conhecimento como quinto elemento do movimento, ele passa a se utilizar da música como um suporte capaz de disseminar esse conhecimento de forma potente, uma vez que, a música circula fácil e por vários meios. É a partir daqui que o rap vai se caracterizar como um suporte para disseminação de informação. Esse papel de informar através das suas letras faz com que os *rappers* busquem alcançar a competência informacional.

Para que seja possível o repasse da informação para o seu público, é preciso que o *rapper* esteja também bem informado, então, a informação é o mote para que as ações se tornem possíveis no rap. Desde o processo de escrever a música até cantá-la, a informação está presente e a sua disseminação funciona como uma grande movimentação dessa informação em prol do coletivo. É preciso compreender que dentro do Hip Hop, o pensar neste coletivo é o que torna o movimento algo concreto para a comunidade. Portanto, o que é chamado de “trocar ideia” seria, então, troca de informação, ou seja, o compartilhamento de vivências e a partir disso, a construção do saber coletivamente.



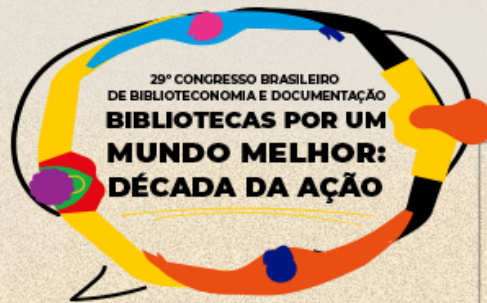


À medida que as pessoas trocam informações entre si há uma conscientização coletiva alcançada, esse compartilhamento de vivências é o que gera o conhecimento. O rap se torna um agente capaz de fazer com que os cidadãos se questionem, reflitam e contestem. A informação se torna mais útil quando o usuário consegue relacioná-la com as suas vivências diárias. Sendo assim, quando o cidadão enxerga alguma aplicabilidade da informação na sua vida ele estaria exercendo a sua cidadania.

A informação nesse ambiente ganha um contexto político uma vez que visa dar autonomia às pessoas ali presentes. Para que haja transformação social, é preciso que as pessoas acessem informações. Isso porque, a tomada de decisão - da mais simples a mais complexa possível - é realizada com mais aptidão quando o cidadão tem informações a respeito do que se trata ou ainda de como a sua escolha pode interferir em demais situações.

Fica assim como premissa, que, para que a cidadania seja exercida é preciso que a informação seja acessada, uma situação está atrelada a outra. A informação gera conhecimento, e esse conhecimento se apresenta como uma forma de poder. Como explicitado pela sentença de Michel Foucault (1979, p.144) "O exercício do poder cria perpetuamente o saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder".

Dentro de uma sociedade da informação que carrega uma desigualdade social, há toda uma responsabilidade social em assumir um cargo de cunho informacional como o de bibliotecário. Trabalhar na biblioteca com uma cultura marginalizada e de rua é uma forma de apresentar as múltiplas culturas existentes para além das culturas que fazem parte do círculo comum. Cabe ao bibliotecário realizar atividades, desenvolver projetos que visem servir aos grupos sociais menos favorecidos, assim como desenvolver parcerias com movimentos como o movimento Hip Hop. A prioridade da biblioteca independentemente de onde ela está inserida ou de para qual público ela atenda, é fazer com que a informação chegue aos seus usuários. A biblioteca como um bem público, democrático e que deve atender a todos de forma igualitária, quando de forma atuante pode romper com o *status quo*, somando esforço com tantas outras pessoas que já lutam todos os dias por uma sociedade mais igualitária.



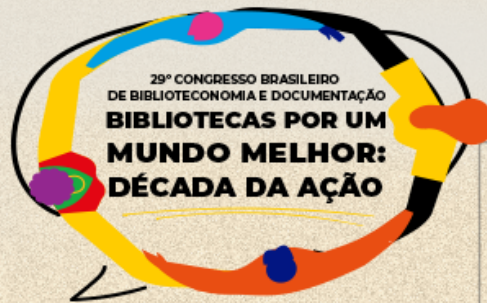
## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que o acesso à informação traz consigo também a capacidade de emancipar pessoas, de torná-las cidadãs capazes de participar das decisões diárias da sociedade e não só de assistir, ficando à margem. A forma como as pessoas buscam informação ou como a informação chega a essas pessoas não é uma fórmula matemática, cabe então ao bibliotecário estar atento a como a informação gira dentro da sociedade para que ele possa atender as necessidades informacionais dos seus usuários.

Há no rap a ideia de que a informação tem o poder de modificar a sociedade, ele está inserido em um movimento que acredita no poder da coletividade, sendo assim, o rap contribui para a disseminação da informação, se apresentando com uma linguagem de fácil entendimento para que o seu público não só compreenda o que está sendo dito como seja capaz de repassar, fazendo com que a informação se torne algo coletiva e repassada, tornando-a acessível.

O movimento Hip Hop se apresenta como um espaço de debate, onde não só é possível ouvir, como também se torna possível falar. A partir dos encontros organizados pelo movimento Hip Hop busca-se disseminar informação através da arte. O Hip Hop é um movimento plural que atua em campo político, social e cultural, as ações realizadas pelo movimento Hip Hop se dão por uma luta constante de melhoria para todos.

Essa linha de pensamento em que objetiva o acesso à informação de forma democrática tem as suas semelhanças com a maneira que a própria área da Ciência da Informação enxerga a informação. A disseminação de informação é capaz de empoderar a sociedade e a Biblioteconomia pode ser uma aliada do movimento Hip Hop. A disparidade social no país é imensa e quando o bibliotecário assume a sua responsabilidade social enquanto profissional da informação dentro de uma Sociedade da Informação, ele contribui diretamente para o exercício da cidadania a seu público.



A presença do bibliotecário em locais como esses pode significar mudança, tanto para a comunidade quanto para a imagem profissional. Assim, faz-se importante que ações desse tipo sejam retroalimentadas pelo debate, pois é um assunto que deve ser levado para congressos e palestras, simpósios assim como para dentro das salas de aula de uma graduação ou pós-graduação.

Por fim, deixamos aqui nossa admiração aos profissionais da área biblioteconômica que atuam em prol de uma Biblioteconomia mais social e de um país menos desigual. E em especial, às pessoas ligadas ao movimento Hip Hop, por toda forma de existência e resistência, e que como disse o *rapper* Emicida em sua música Amarelo “deixe que eu fale e não as minhas cicatrizes”. Que a periferia possa falar em alto e bom rap, sempre.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, E. N. (org.) **O rap e educação: o rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999.

BUFREM, L.S. Fundamentos sociais e políticos da Biblioteconomia. **Educar em revista**. Curitiba, n. 4, p. 108-122, dez. 1985. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/36139/22298> Acesso em: 11 ago. 2020

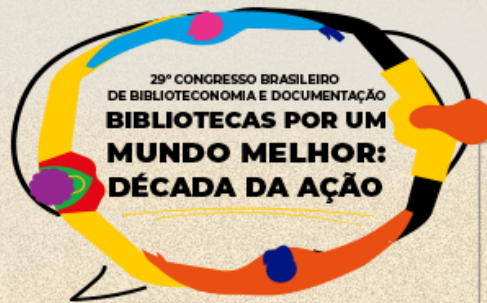
EBLE, L. J. "A resposta de mudar o mundo com a ponta de uma caneta": considerações sobre o rap nacional. **Revista Brasileira de Estudos da Canção**, Natal, n. 4, jul./dez. 2013. Disponível em: [RBECC N4 A5 - Revista Brasileira de Estudos da Canção \(ufrn.br\)](https://www.ufrn.br/revista-brasileira-de-estudos-da-cancao/). Acesso em: 05 jul. 2021.

EMICIDA. **Amarelo**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. Disponível em: <https://youtu.be/PTDgP3BDPIU> Acesso em: 05 jul. 2021

FOUCAULT, M. **A Microfísica do poder** (org. e trad. Roberto Machado). Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, S. R. P.; GRACIOSO, L. S.; SILVA, C. R. Atuação do bibliotecário junto a população em situação de rua. **Informação @ Profissões**, Londrina, v. 7, n. 1, p. 114-133, jan./jun. 2018. Disponível em: [https://www.brapci.inf.br/repositorio/2018/07/pdf\\_2f9a00a36e\\_0000030565.pdf](https://www.brapci.inf.br/repositorio/2018/07/pdf_2f9a00a36e_0000030565.pdf). Acesso em: 05 jul. 2021



HARDT, M.; NEGRI, A. **The CommonWealth**. Cambridge, Massachusetts: Belknap Press, 2009.

IFLA. **Manifesto IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas**: 1994. Disponível em: <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/public-libraries/publications/PL-manifesto/pl-manifesto-pt.pdf> Acesso em: 16 dez. 2020

LOUREIRO, B. Formação política via autoeducação no movimento Hip Hop: experiências de rappers ativistas no Brasil. **Educação**, Santa Maria, RS, v. 44, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/34976/pdf> Acesso em: 11 ago. 2020

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

OLIVEIRA, M. A. D.; ALVES, M. V.; MAIA, M. A. Q. A função social do profissional da informação numa biblioteca inclusiva. Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 25. Florianópolis, SC, Brasil, 07 a 10 de julho de 2013. **Anais**. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1600>. Acesso em: 13 out. 2020

PALETTA, F. A. C.; PALETTA, F. C. **O comportamento ético e sua influência na era da informação**. São Paulo: USP, 1999.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social métodos e técnicas**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

SILVA, C. Y. G.; MOTTA, I. F. Nas batidas do rap: uma reflexão winnicottiana sobre o amadurecimento juvenil. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2 maio/ago. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/Ljxjkr7VF5R4wzWRG4zvLjt/?lang=pt&format=html> Acesso em: 29 jun. 2021

SILVA JÚNIOR, T. P.; MENDES, M. S.; ALVES, E. S. O rap como tática revolucionária do proletário: Mc Nanda, mulher cabocla e marxista. Acre. **Revista Ufac**, Acre, v. 2, n. 1, mar. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/article/view/1724> Acesso em: 02. jul. 2021